

NUNCA LHE DISSEMOS QUE ELE NÃO CONSEGUIRIA

KATHY LAMANCUSA

Quando meu filho Joey nasceu, seus pés eram torcidos para cima, a parte inferior encostava em sua barriga. Como mãe de primeira viagem, achei aquilo estranho, mas não percebi exatamente o que significava. Na verdade, Joey nascera com uma deformação nos pés. Os médicos asseguraram que, com tratamento adequado, ele poderia andar normalmente, mas provavelmente não seria capaz de correr muito bem. Os primeiros três anos de vida, Joey passou entre cirurgias, gessos e aparelhos. Massagens, fisioterapia, exercícios. Quando tinha uns sete ou oito anos, quem o visse caminhar não perceberia que tivera um problema.

Se andasse grandes distâncias, como em parques de diversão ou no zoológico, reclamava que sentia as pernas cansadas e doídas. Tinha de parar, tomar um refrigerante ou um sorvete e conversar sobre o que já vira e o que ainda ia ver. Jamais lhe contamos porque suas pernas ficavam doloridas e porque eram fracas. Nem que aquilo era normal para quem tinha uma deformidade de nascença. Nunca lhe dissemos, então ele nunca soube.

As crianças da vizinhança, brincando, corriam para lá e para cá, como todas as crianças. Joey brincava com elas e corria também. Nunca lhe dissemos que provavelmente nunca poderia correr tão bem como os amiguinhos. Não lhe dissemos que era diferente. Nunca lhe dissemos, então ele nunca soube.

Na sétima série, decidi fazer parte da equipe de atletismo da escola. Treinava todos os dias com os outros garotos. Parecia que era o mais esforçado do grupo e que corria mais que qualquer um deles. Talvez percebesse que habilidades tão naturais nos outros não eram naturais nele mesmo. Não lhe dissemos que, embora pudesse correr, provavelmente seria sempre um dos últimos a chegar. Não lhe dissemos que não devia esperar fazer parte do "primeiro time", elite composta pelos melhores corredores. Não lhe dissemos que dificilmente faria parte do "primeiro time", então ele nunca soube.

Joey continuou a correr de seis a oito quilômetros por dia, todos os dias. Jamais vou me esquecer de quando estava com mais de trinta e nove graus de febre e não quis ficar em casa porque tinha treino. Preocupei-me o dia inteiro. Imaginava que logo receberia um telefonema para que fosse buscá-lo. Ninguém telefonou.

No horário do término das aulas fui até a área de treinamento, imaginando que, se Joey me visse por lá, talvez decidisse faltar ao treino naquela tarde. Mas, quando cheguei, eu o vi correndo sozinho. Aproximei-me com o carro e fiquei dirigindo devagar, emparelhada com ele. Perguntei como estava se sentindo. "Bem" - respondeu. Faltava fazer pouco mais de três quilômetros. O suor lhe escorria pelo rosto, os olhos estavam vidrados pela febre. Mesmo assim, olhava firme para a frente e continuava a correr. Nunca

lhe dissemos que ele não podia correr quilômetros com mais de trinta e nove graus de febre. Nunca lhe dissemos, então ele nunca soube.

Duas semanas depois, na véspera da penúltima corrida da temporada, os nomes dos componentes do "primeiro time" foram anunciados. Joey era o sexto da lista. Ele conseguira estar entre os melhores. Era o único aluno da sétima série. Os demais eram todos da oitava. Nunca lhe dissemos que não devia esperar fazer parte da elite. Não lhe dissemos que não seria capaz. Nunca lhe dissemos que não conseguiria, então ele nunca soube. E ele conseguiu.

**Eles conseguem porque pensam que conseguem.
VIRGÍLIO**